

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO DO COLÉGIO MILITAR: UM CAMINHO ENTRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE

MARCIO VIEIRA XAVIER ¹

RESUMO

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) é composto por 14 Colégios Militares (CM), sendo o mais antigo, o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), de 1889. O recém criado Colégio Militar de São Paulo iniciará suas atividades em 2020. A carreira militar impõe a seu quadro funcional a disponibilidade em servir em qualquer localidade do país, o que leva a uma constante mudança de estabelecimento de ensino de seus dependentes. A identidade dos alunos do SCMB é um caso bastante interessante. Muito em virtude de ser um mundo em que o aluno pode já estar inserido por ser filho de um militar, mas também pelo simbolismo de jovens e adolescentes que estão submetidos a uma disciplina, respeito à hierarquia, utilizam uniformes baseados em fardas e cultuam valores e tradições do Exército Brasileiro. Este artigo destina-se a uma discussão da teoria de socialização primária e secundária de Berger e Luckmann (2014) com uma leitura da construção da identidade do aluno do colégio militar de acordo com sua representação social.

PalavrasChaves: Identidade. Ensino. Colégio Militar.

ABSTRACT

The Military College System of Brazil (SCMB) consists of 14 Military Colleges (CM), the oldest being the Military College of Rio de Janeiro (CMRJ), 1889. The newly created Military College of São Paulo will begin its activities in 2020. The military career imposes on its staff the willingness to serve anywhere in the country, which leads to a constant change in the educational establishment of its dependents. The identity of SCMB students is a very interesting case. Much by virtue of being a world in which the student may already be inserted by being

1. Mestrando em Humanidades Militares no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC). E-mail: marciovx1260@gmail.com

the son of a military man, but also by the symbolism of young people and adolescents who are subjected to discipline, respect for the hierarchy, wear uniforms based on and worship values and Brazilian Army traditions. This article is intended for a discussion of the theory of primary and secondary socialization of Berger and Luckmann (2014) with a reading of the construction of the student identity of the military college according to its social representation.

Keywords: Identity. Teaching. Military Colleges.

INTRODUÇÃO

Os Colégios Militares (CM) do Exército Brasileiro (EB) são Organizações Militares (OM) que se enquadram como Estabelecimentos de Ensino (EE) responsáveis pela educação básica, ensino fundamental e médio, dos dependentes dos militares, alunos amparados, e dos que prestam concurso público, identificados como concursados. (BRASIL, 2008).

De acordo com Projeto Pedagógico, do Sistema Colégio Militar do Brasil² (SCMB) o quadro institucional abrange treze colégios: Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ); de Porto Alegre (CMPA); de Fortaleza (CMF); de Belo Horizonte (CMBH); de Salvador (CMS); de Curitiba (CMC); de Recife (CMR); de Manaus (CMM); de Brasília (CMB); de Juiz de Fora (CMJF); de Campo Grande (CMCG), de Santa Maria (CMSM); e de Belém (CMBEL). Existe, ainda, o projeto de implantação para o ano de 2020 do Colégio Militar de São Paulo (CMSP).

Ao olharmos os aspectos históricos da construção do CM, podemos recorrer ao trabalho de Nogueira (2014), que enfatiza que a construção desses espaços de ensino militar do Brasil retoma o século XVII. Segundo o autor, os primeiros vestígios do ensino militar, foram verificados em 1698, no Rio de Janeiro, nas instruções ministradas aos contestáveis, aqueles que hoje seriam denominados artilheiros, sobre o manejo das armas de artilharia.

Seguindo esse olhar histórico, é possível perceber que o ideal de um estabelecimento de ensino que abarcasse os filhos dos militares retoma o século XIX. Nesse contexto, apesar dos esforços da criação do “Colégio Militar do Imperador” idealizado em 1840, por Luís Alves

2. Disponível em: http://www.depa.eb.mil.br/images/legislacao/Projeto_Pedagogico_2019_versao_SCMB.pdf. Acesso em: 2 nov. 2019.

de Lima e Silva, o Duque de Caxias, na regência de Araújo Lima, esse projeto não obteve sucesso (PIRASSINUNGA, 1958).

Já em 1858, segundo Luchetti (2006), foi criado na Corte o primeiro curso preparatório, tendo o Ministro da Guerra como responsável, com duração de um ano. Encontra-se a primeira célula do ensino assistencial, pois aderiam a esses cursos a responsabilidade de prepararem os filhos dos militares às Escolas Militares, de formação de Oficiais da Armada. Portanto, o Estado cumpria um duplo objetivo: primeiro, de preparar os alunos, a maioria filhos de militares da Armada, a ter uma base sólida a fim de cursarem as Escolas Militares da melhor forma possível; segundo, de amparar os filhos dos militares no sentido de dar-lhes a sólida e real possibilidade de cursar uma Escola Militar.

Os cursos preparatórios não deram continuidade a sua proposta inicial. Foi então que, em 1853, Duque de Caxias, abdicando da posição de Comandante do Exército e tornando Senador Imperial, expõe ao poder legislativo uma proposta para criar um “Colégio Militar da Corte”. Entretanto, a proposta não contou com vontade política para dar continuidade a seu projeto. O Senador retoma a iniciativa em 1862, permanecendo a intenção em acolher os dependentes dos militares falecidos em batalhas e os que estavam em missões importantes para a nação, outra vez sem um desfecho de Criação de um Colégio que amparasse os dependentes dos militares mortos e feridos em combate (LUCHETTI, 2006).

A premissa progride sob a ótica de Duque de Caxias ao presenciar, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), a necessidade em confortar as famílias dos militares que combatiam, pois, o intuito era evitar situação de extrema necessidade material e oferecer proteção, com a garantia de ajuda financeira e educacional. Em consequência disso, a estima dos combatentes influenciaria no rendimento laboral.

Apenas em 1889, pelo Decreto N° 10.202, de 9 de março de 1889 o Imperador D Pedro I aprova a Criação do Imperial Colégio Militar, hoje Colégio Militar do Rio de Janeiro, com a finalidade de receber gratuitamente os filhos dos oficiais efetivos, reformados e honorários do Exército e da Armada, e mediante contribuição pecuniária alunos procedentes de outras classes (PIRASSINUNGA, 1958).

1 O ETHOS DO ALUNO DO COLÉGIO MILITAR

Atualmente o SCMB mantém o mesmo ideal de educação assistencial presente em sua fundação. As constantes mudanças em virtude de movimentações dos militares pelo Brasil

impõem à família uma readaptação cada vez que isso ocorre. Nesse cenário os CM enquadram-se como auxílio a minimizar impactos relativos à educação dos dependentes desses profissionais. O Projeto Pedagógico aprovado pela Portaria Número 053 do Departamento de Cultura do Exército (DECEX), de 18 de maio de 2016 com a última atualização em fevereiro de 2019, aborda o seguinte:

Mais do que simplesmente ser um cumprimento ao previsto na LDBEN, a Educação em Valores no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) abarca, ainda, os valores, os costumes e as tradições do Exército Brasileiro, com o objetivo, inclusive, de despertar vocações para a carreira militar. Não obstante tão somente constar dos planejamentos ou servirem como temas transversais, os valores e as atitudes precisam ser reconhecidos, vividos e compartilhados pelos alunos no dia a dia de sua estada no Colégio.

Percebe-se, pela citação apresentada acima, que a construção social do ethos militar funde-se à própria construção social do sujeito nesse meio. Dessa forma, é possível problematizar de que modo pode ocorrer a gestão e o alinhamento entre o ensino baseado na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) mas também com o movimento em buscar desenvolver nos alunos uma cidadania alicerçada nos valores da honestidade, probidade, verdade, responsabilidade e lealdade consigo e com o próximo baseado nos pilares da hierarquia e disciplina para proteger e desenvolver a nação.

De acordo com Nogueira (2014), as Escolas Militares têm o duplo papel de educar e transmitir ideias e concepções e culturas militares, onde o cuidado na formação e transmissão dos conhecimentos básicos exigidos pela LDBEN vêm acompanhado de um interesse em construir um determinado modo de ser cidadão pautado em valores e concepções de sociedade sob ótica do ethos militar. Ainda de acordo com o autor, podemos refletir que o Exército, através das Escolas Militares, utiliza a educação como uma ponte entre setores militares e civis, tendo os CM um papel importante de disseminar os ideais militares às instituições da sociedade civil.

Com base no material exposto, faz-se necessário compreender como nos dias atuais os Colégios Militares trabalham e atravessam a construção da identidade social de seus alunos que, mesmo não sendo militares propriamente dito, utilizam e estão integrados nas práticas e vivências desse ambiente. Práticas que podem variar desde o uso de uniformes, estar sob um regime de hierarquia e disciplina, introjeção de certos símbolos militares, como a continência e a participação em solenidades típicas militares etc., são elementos potentes na construção de si e da forma de perceber o mundo. Este artigo tem como objetivo produzir reflexões sobre a construção da identidade social do aluno do colégio militar. Para esta finalidade, escolhemos

a obra “A Construção Social da Realidade” de Becker e Luckmann, (2014), em especial os conceitos de socialização primária e secundária, para analisar o Projeto Pedagógico do SCMB.

2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: UMA LEITURA DO ALUNO DO CM

Ao lançarmos um olhar sobre os Colégios Militares como uma Instituição de Ensino com ritos e valores cultuados pelo Exército Brasileiro e fazer uma análise, segundo Berger e Luckmann (2014), em que a institucionalização é um contexto da sociedade cuja realidade pode ser objetivo e subjetiva.

A fim de construirmos uma relação entre a construção social da realidade, abordaremos a sociedade como realidade objetiva, no sentido de referenciar o SCMB como uma instituição, lançando mão do conceito de institucionalização. E para aderir e concretizar o objetivo a que se dispõe este artigo, trataremos, também, da sociedade como realidade subjetiva, pormenorizando a socialização primária e secundária.

Antes de seguir na construção do conhecimento a que este artigo se propõe, é interessante revisar os conceitos de hierarquia e disciplina aplicados às Forças Armadas e previsto no Estatuto dos Militares (BRASIL, 1980). Enquanto o primeiro refere-se à ordenação de autoridade e os diferentes níveis hierárquicos que estruturam as Forças Armadas, cabe a disciplina a observância e o acatamento integral de todas as leis, regulamentos e normas. O Estatuto dos Militares prevê no art.14, parágrafo 4º que a disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias entre militares da ativa e os da reserva.

Voltando ao cerne da discussão deste artigo, o Aluno do Colégio Militar é um adolescente com idade escolar, ou seja, dos 10 aos 17 anos, em média. O organismo desses meninos e meninas está em desenvolvimento e é nesse momento da vida que eles passam a ter contato com um ambiente onde a hierarquia e disciplina estão presentes no ambiente escolar, mesmo que não façam parte do quadro efetivos de militares. Nesse sentido Berger e Luckmann (2014, p. 69) afirmam que: “O organismo humano, por conseguinte, está ainda em desenvolvendo-se biologicamente quando já se acha em relação com seu ambiente (...) o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com seu ambiente particular”.

Nos apropriamos desses conceitos para percebermos que o perfil do aluno do CM vem sendo construído num período da vida na qual estamos abertos a profundas mudanças e que entre todas estas está um sistema de ensino em que o elemento humano, mesmo não sendo militar, propriamente dito, está inserido numa Instituição que o fará ter certos e específicos comportamentos.

Os autores destacam que mesmo o indivíduo se desenvolvendo numa relação com certo ambiente, o eu humano não interpreta a realidade objetiva, mas não, necessariamente, é traduzido em idades mais adultas como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível: “os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o eu em sua forma particular, culturalmente relativa” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p.69).

Berger e Luckmann (2014) discutem a relação que existe entre indivíduo e sociedade. Para eles, a realidade que percebemos como sociedade foi construída através de um processo que é socialmente determinado, a interiorização, pois são essas relações em que um indivíduo está inserido que farão com que ele tenha a percepção do que é a sociedade, a realidade e a identidade. Neste contexto a sociedade é tida como uma realidade subjetiva.

A interiorização, no sentido geral aqui empregado, está subjacente tanto à significação quanto às suas formas mais complexas. Dito de maneira mais precisa, a interiorização neste sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p.167).

Ao analisarmos o SCMB como uma instituição secular, podemos concluir que é possível nos dias atuais um indivíduo assumir para si símbolos e convenções já existentes. É nesse sentido que colocamos o aluno do SCMB, ou seja, ele irá pertencer a um mundo no qual outras gerações já se lançaram na construção de toda uma simbologia, o que Freire (2017) chama de pedagogia patronímica: “(...) o mecanismo de construção e emprego de símbolos, nisso que denomino de uma pedagogia patronímica (FREIRE, 2017, p.29)

Para Berger e Luckmann (2014), o indivíduo não nasce membro da sociedade e sim com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro desta. O ponto inicial do processo a que é levado o homem a fazer parte de uma sociedade chama-se interiorização. Enquanto seres humanos, em um primeiro momento, compreendemos os nossos semelhantes e, num segundo momento, aprendemos o mundo como realidade social dotado de sentido, isto é, assumindo um mundo no qual vivemos para criar ou recriar esse mundo.

A socialização primária é, a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Podemos aqui deixar de lado a questão particular da aquisição do conhecimento relativo ao mundo objetivo de sociedades diferentes daquela de que cada homem se tornou primeiramente membro, e bem assim o processo de interiorização desse mundo como realidade, processo que apresenta, ao menos superficialmente, certas semelhanças com a

semelhanças com a socialização primária e secundária, não sendo contudo estruturalmente idêntico a nenhuma destas. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 181)

Sobre a identidade social do Aluno do Colégio Militar, tendo como base a socialização primária e secundária proposta por Becker e Luckmann (2014), o aluno amparado, ou seja, aquele que está cursando o SCMB por ser filho ou dependente de Oficial, Subtenente ou Sargento do Exército Brasileiro, poderá ter tido sua socialização primária marcada pela introdução num mundo objetivo da “sociedade militar”, com acesso a símbolos, conceitos e crenças vividos por seus pais. No momento do acesso a um Colégio Militar, essa criança ou adolescente, vivenciou a socialização secundária, quando ele já socializado com a hierarquia e disciplina interpretado e vivida por seus pais e responsáveis, participou de outro setor do mundo militar, o Sistema Colégio Militar do Brasil, que mesmo mantendo um diálogo com símbolos e conceitos militares, não o vivem com a mesma situação dos profissionais militares.

Para Berger e Luckmann (2014), são as condições de interiorização que levarão ao grau de identificação. Ao se refletir sobre a socialização primária, imaginemos que todo ser humano nasce em uma estrutura social objetiva e nessa estrutura existem os estímulos e indivíduos que se responsabilizarão pela socialização das crianças que ali nasceram, isto é, quando se nasce já existe uma organização social específica e os pais desse indivíduo são os responsáveis por socializarem seus filhos. A criança não escolhe os significativos e quando estes são apresentados tornam-se a realidade de algo que passará a ser conhecido como mundo social objetivo. Destaca-se que os pais não são escolhidos, logo o que eles falam os filhos acreditarão ser o mundo. Assim, o mundo social objetivo é apresentado pela visão que os pais têm dos símbolos que acreditam ser verdades.

Trazendo a reflexão para a construção da identidade do aluno do Sistema Colégio Militar do Brasil, uma nova configuração de símbolos e ritos militares são apresentados às crianças e adolescentes que adentram os Colégios Militares.

Quando a socialização secundária diferenciou-se até o ponto em que se tornou possível a desidentificação subjetiva do lugar adequado do indivíduo na sociedade, e quando ao mesmo tempo a estrutura social não permite a realização da identidade subjetivamente escolhida, acontece um interessante desenvolvimento. A identidade subjetivamente escolhida torna-se uma identidade de fantasia, objetivada dentro da consciência do indivíduo como seu eu real (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 226).

Há de se considerar que um filho vê em seu pai ou mãe militar uma representação simbólica traduzida em símbolos, uniformes e um comportamento que chama de ethos militar. Entretanto, o que é apresentado a esse indivíduo ao cursar o ensino fundamental e ensino médio em um Colégio Militar não apresenta a mesma configuração comportamento identificado por ele como ethos militar. Becker e Luckmann (2014) fazem esse apontamento quando o processo de socialização primária está próxima a secundária: “Na maior parte das sociedades, contudo, alguns rituais acompanham a transição da sociedade primária para a secundária”. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p.180).

Como já foi visto, o ensino assistencial do SCMB é voltado para os filhos dos militares a fim de atenuar as vicissitudes da carreira militar. Desta forma, interpreta-se que o aluno com perfil assistido já possui na socialização primária a interiorização e identificação com alguns ritos militares. Destacamos que o processo de socialização secundária poderá ser relativamente atenuado se tivermos esse olhar: “Os processos formais da socialização secundária são determinados por seu problema fundamental, a suposição de um processo precedente de socialização primária, isto é, deve tratar com uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado”. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p.181).

Por fim, cabe destacar que na socialização primária, a criança realiza a identificação carregada de emoção, enquanto que na socialização secundária a maior parte da identificação é oriunda de uma identificação mútua, principalmente pela comunicação entre os seres humanos. A criança percebe na socialização primária um mundo único, em que a mãe e o pai tem a responsabilidade de apresentá-la. Já na secundária, é o contexto institucional é determinante na percepção da identificação.

Como o atual Projeto Pedagógico do SCMB trabalha essa equalização de comportamentos e padrões. Como fazer com que um civil, em idade escolar do 6º ano do ensino fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio absorva valores e símbolos militares e atinja a missão precípua e previsto no Regulamento dos Colégios Militares de ser um ensino assistencial e preparatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo produzir reflexões sobre a construção da identidade social dos alunos dos Colégios Militares utilizando como campo de análise o Projeto Pedagógico, segundo o referencial teórico de Berger e Luckmann (2014). A partir dessas análises, foi possível refletir o modo como a socialização primária e secundária pode ser uma potente

ferramenta para compreender a constituição não apenas do ethos militar, mas também na própria construção de si e o modo de ver o mundo, ratificando a concepção de que tais espaços vão além de um ensino conteudista, pois também são importantes na transmissão de valores.

Dessa forma, faz-se necessário desenvolver futuras pesquisas que permitam aprofundar a análise dessa dinâmica da construção da identidade dos alunos dos colégios militares, não apenas ampliando o referencial teórico, mas também abrangendo outras metodologias que permitam aprofundar, de forma empírica quali ou quantitativamente, tais achados, seja com pesquisas de campo, entrevistas com pais, alunos, professores e alunos.

Como citar este artigo: XAVIER, Marcio Vieira. A construção da identidade do aluno do colégio militar: um caminho entre representação social e identidade. **Rev. Silva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 22-31, jul.-dez. 2019.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 36.ed.Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei 9.394 (Lei Ordinária) de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 02 nov 2019.

BRASIL. Lei no 6.880, de 9 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. **Diário Oficial da União:** Brasília, DF, 09 dez. 1980.

BRASIL. Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial. **Normas de Planejamento e Gestão Escolar**, 2018. Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. **Portaria nº 042, de 6 de fevereiro de 2008.** Aprova o Regulamento dos Colégios Militares (R-69) e dá outras providências. Disponível em: http://www.portaldeeducacao.eb.mil.br/images/legislacao/Port_042_08_R69.pdf Acesso em: 6 nov 2019.

FREIRE, F. F. **Estamos Aluno.** Rio de Janeiro. Gramma Editora, 2017.

LUCHETTI, M. S. R. **O ensino no exército brasileiro:** histórico, quadro atual e reforma. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **Educação militar:** uma leitura da educação no sistema dos Colégios Militares do Brasil (SCMB). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

PIRASSINUNGA, Adailton Sampaio. **O Ensino Militar no Brasil.** Rio de Janeiro: Bibliex 1958.